

Multidões Queer

Caio Caravaggi
Camila Araújo
Daniel Fernández
Isadora Weffort
Jaqueline Xavier Alfonso
João Pedro Godoi
João Vitor Faian
Vinicius Antunes

introdução

"Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida" (Preciado, B)



Gênero e colonização

Sexopolítica: onde/quando começou?



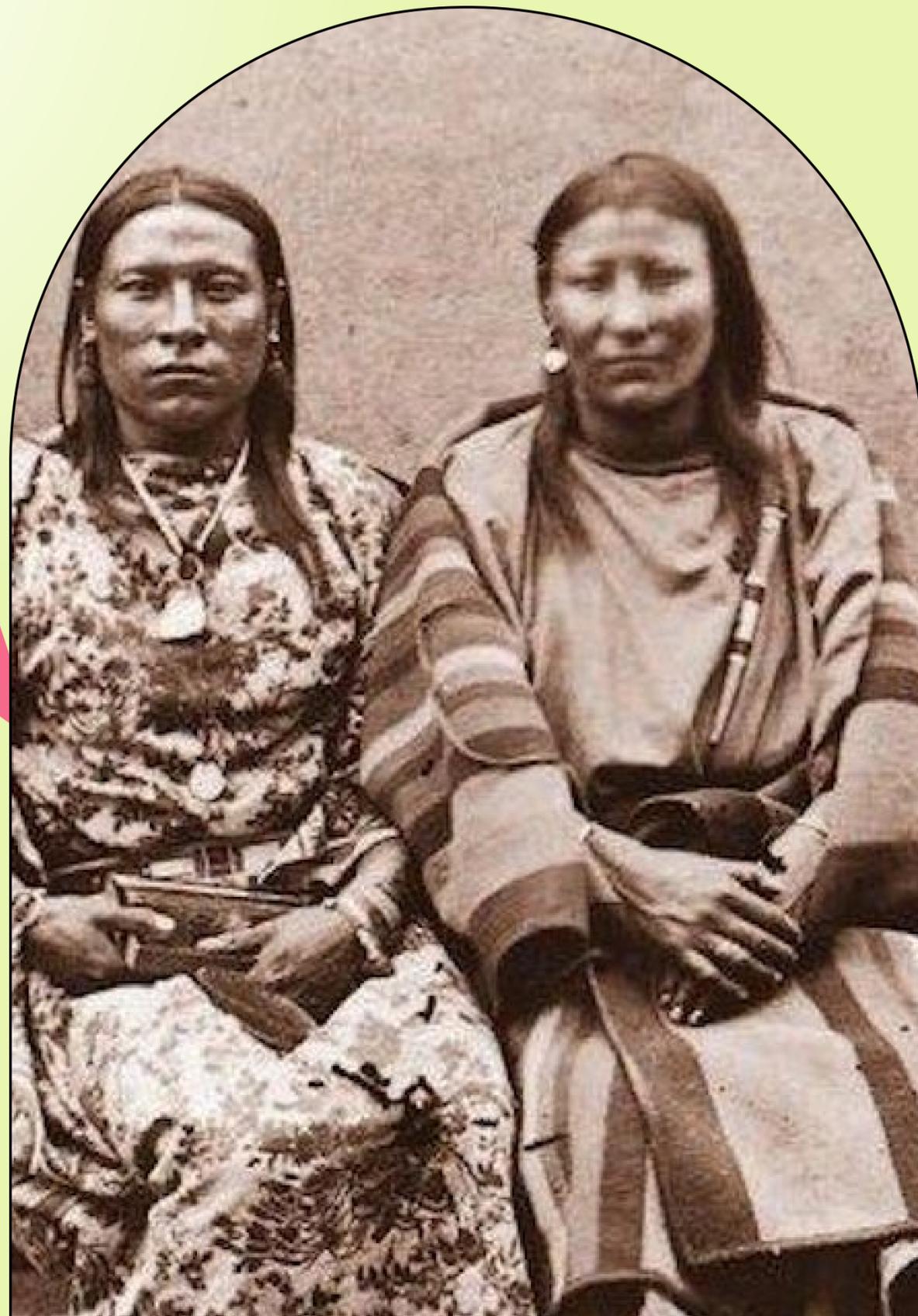
Colonização

Processos colonizatórios e substituição da cultura

- Roma e o latim
- Jesuítas
- Imposição da binariedade de gênero



Gênero como dimensão cultural



Povos originários e gênero

Navajo

Enawene-Nawe

Itneg

Gênero como parte central da religião, cultura e organização social

Navajo

Gênero e funções sociais

Asdzaàn

Mulher feminina

Dilbaa

Mulher masculina



Hastín

Homem masculino

Nádleehi

Homem feminino



Itneg

Espírito feminino e religião

Babaylan: Xamã

Função normalmente feminina, mas também desempenhada por homens

"[ele] era tão afeminado, que de todas as aneiras, era mais mulher do que homem"

-Jesuíta Francisco Alcina



Enawene Nawe

Marcadores sexuais e religião: O caminho do eno

A identidade de gênero representa também pertencimento cósmico para os enawene nawe

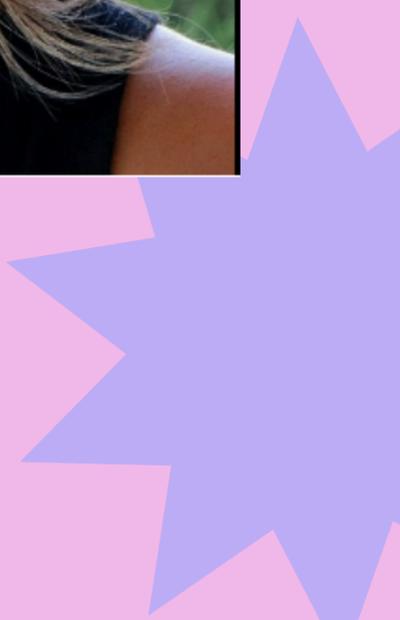
- Apenas os homens que portam o estojo peniano e as mulheres que possuem tatuagens nos seios e ventre podem cruzar as pontes para o eno em segurança
- Ritos de passagem



Queer o quê? Ativismo e estudos transviados.

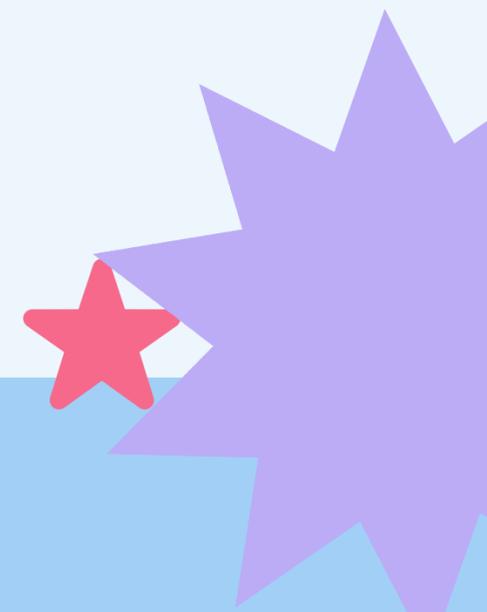
Berenice Bento

Sua pesquisa concentra-se em temas como gênero, sexualidade e direitos humanos



Trabalho de campo em um hospital

"O desejo de ser amado, respeitado, incluído, faz com que os sujeitos "anormais" passem a desejar o desejo daquele que admiramos, mesmo que isso signifique uma profunda violência subjetiva. O reconhecido, nestes termos, não acontece mediante a afirmação da diferença, mas pela submissão ao desejo do outro, que passa a me constituir como sujeito no mundo." (BENTO, 2014).



Judith Butler



Estudos/Ativismo queer

"1) não existe diferença entre os processos de formação entre os ditos “normais” e os “anormais”; 2) a naturalização dos gêneros é um dos mais poderosos recursos acionados pelo Estado (e sustentado pelo poder/saber médico e pelos saberes psi) na manutenção de estruturas hierárquicas e assimétricas dos gêneros; 3) a demanda das pessoas trans não é para se tornarem “heterossexuais consertados”, mas fundase no reconhecimento de uma identidade de gênero diferente da imposta socialmente a partir da presença de uma determinada genitália; 4) a natureza das identidades de gênero é não serem naturais.." (BENTO, 2014).

Estudos/Ativismo queer

"Os estudos/ativismo queer inauguram, é olhar para o “senhor” e dizer: “eu não desejo mais teu desejo. O que você me oferece é pouco. Isso mesmo, eu sou bicha, eu sou sapatão, eu sou traveco. E o que você fará comigo? Eu estou aqui e não vou mais viver uma vida miserável e precária. Quero uma vida onde eu possa dar pinta, transar com quem eu tenha vontade, ser dona/dono do meu corpo, escarrar no casamento como instituição apropriada e única para viver o amor e o afeto, vomitar todo o lixo que você me fez engolir calada/o.” (BENTO, 2014).

O queerbating

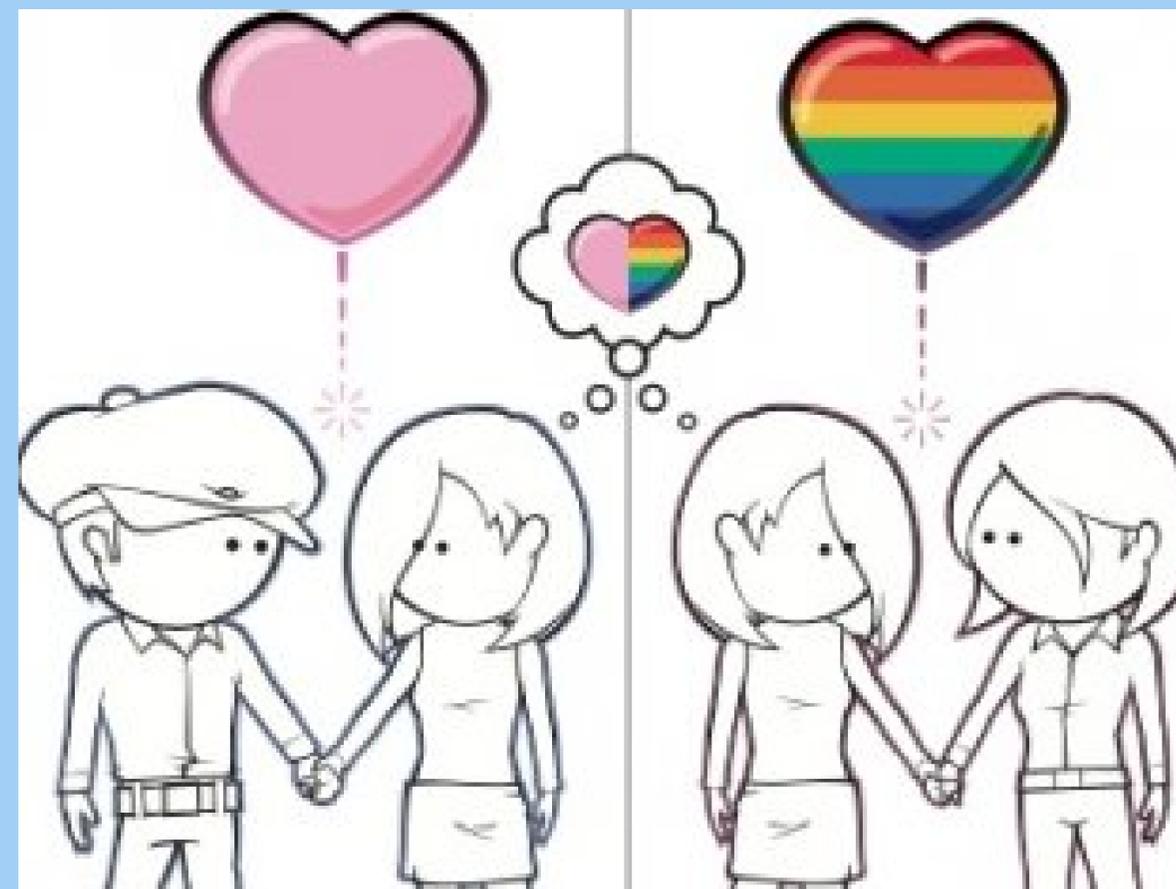
- Técnica de marketing: sugerir representações Queer sem realmente representar (atrair audiências)
- Capitalismo e preservação do Império Sexual (binariedade)

<https://youtu.be/-JvNTpK6TXA>



Quebrar a política de identidades fixas

"A noção de multidão queer (...) opõe-se às políticas republicanas universalistas que concedem o "reconhecimento" e impõem a **"integração" das "diferenças" no seio da República**. Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças." (Paul Preciado)



POSE





A cultura dos bailes

A cultura do baile se originou na década de 1920 em Nova York e arredores, inicialmente dominada por homens brancos que organizavam desfiles de moda drag. A participação de rainhas negras era escassa e, mesmo quando elas se juntavam, esperava-se que elas clareassem sua pele (Cunningham, 1995).

No entanto, descontentes com a cultura discriminatória e opressora dos bailes, a comunidade negra Queer estabeleceu sua própria cena clandestina de baile clandestino durante a década de 1960.



A cultura dos bailes



Marginalização LGBTQIA+

Prostituição

Rejeição familiar



Marginalização

expectativa de vida do brasileiro

PESQUISAR CHAT IMAGENS Vídeos

Sobre 3.470.000 resultados Data ▾

77 anos

De acordo com 3 fontes

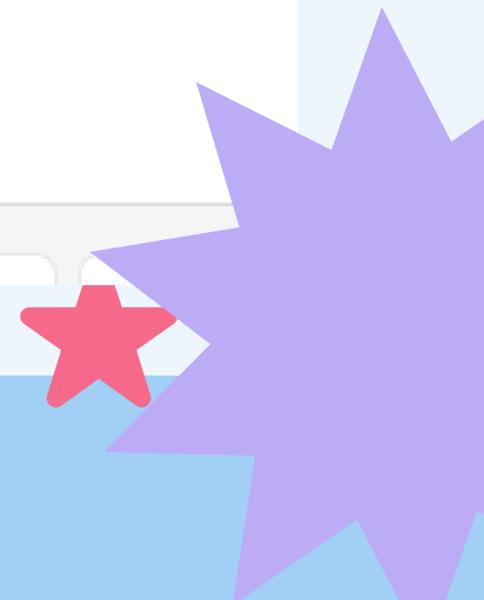
expectativa de vida de transexuais no brasil

PESQUISAR CHAT IMAGENS Vídeos

Sobre 1.070.000 resultados Data ▾

35 anos

De acordo com 6 fontes





Marginalização LGBTQIA+

Prostituição

Rejeição familiar



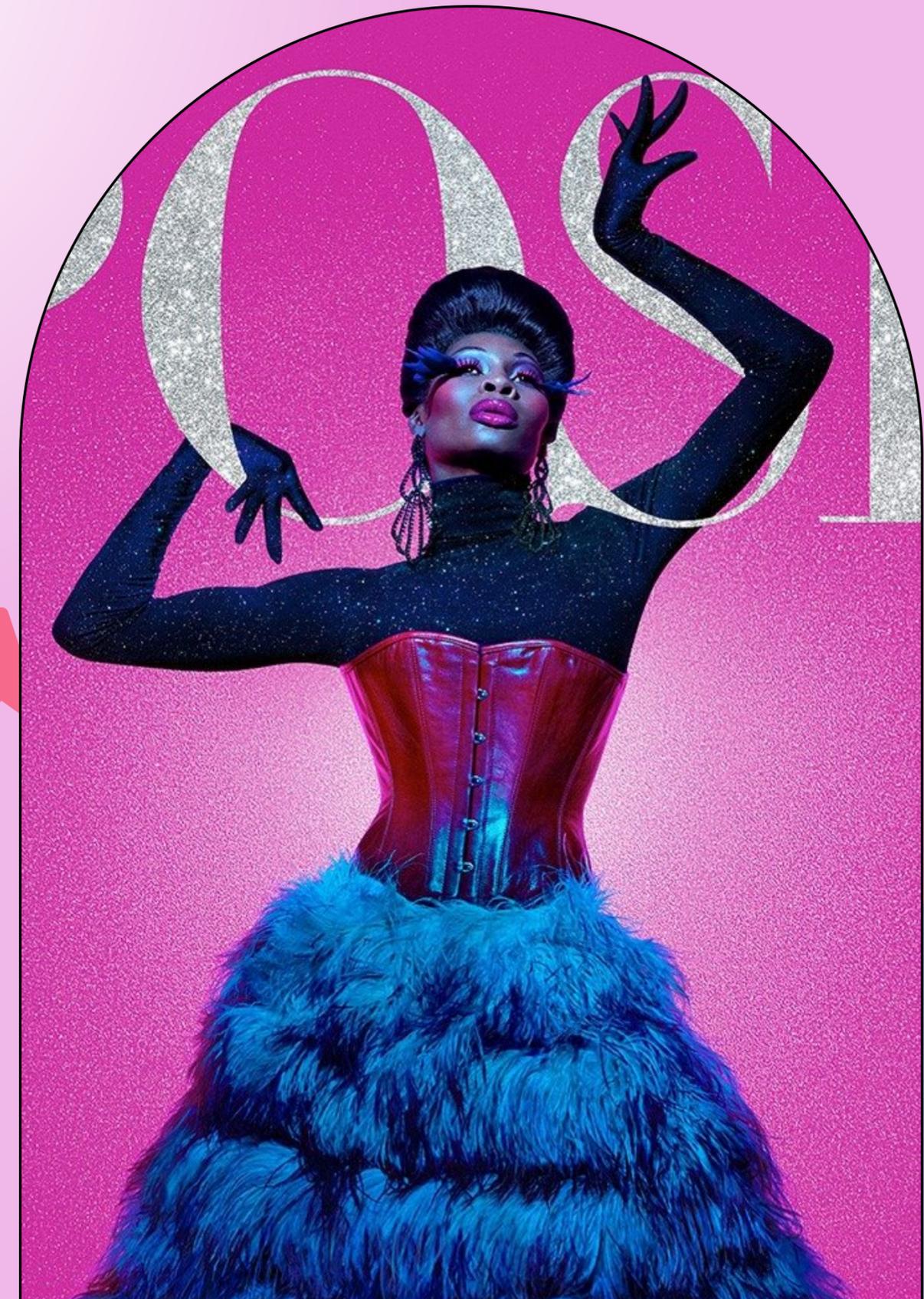
Prostituição

90% da população de travestis e mulheres transexuais utiliza a prostituição como fonte primária de renda. - Relatório Antra 2022

Marginalização LGBTQIA+

Prostituição

Rejeição familiar



Rejeição

"Segundo uma pesquisa realizada pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo, entre 5,3% e 8,9% do total da população em situação de rua na capital pertencem à comunidade LGBT.

Além disso, 63% dos jovens de 18 a 25 anos, relatam sentir rejeição total ou parcial dos familiares após "saírem do armário" e apenas 59% revelam sua orientação sexual para a família"

As casas

As casas são compostas de famílias que você escolhe



Obrigad!*